

FORMAÇÃO CONTINUADA CRÍTICA COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E AUTONOMIA DOCENTE

Mary Gracy e Silva Lima¹

Introdução

No cenário contemporâneo da educação básica brasileira, a complexidade inerente à docência e o desafio da permanência profissional evidenciam a urgência em discutir e pesquisar a formação continuada (FC) como um pilar para o desenvolvimento do ser e tornar-se professor/a de profissão. Entretanto, observa-se uma lacuna significativa entre as necessidades reais do cotidiano escolar e os modelos formativos hegemônicos impostos pelo sistema. Frequentemente, tais projetos formativos são elaborados sob uma lógica burocrática, por agentes externos à realidade da sala de aula, resultando em propostas que desconsideram a reflexão crítica e as especificidades pedagógicas de cada contexto escolar.

Diante dessa realidade, emerge a necessidade de realizar projetos de formação continuada crítica (FCC) com professores/as, comprovando que esses espaços de formação podem funcionar como instâncias de resistência coletiva e de conscientização política, fundamentados na práxis libertadora. Práxis designa “a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido (Freire, 2011b, p. 52)”. No âmbito da formação crítica, essa ação refletida precisa ser consciente e transformadora, a fim de possibilitar a consolidação da autonomia e da emancipação docente, pois não se reduz à teoria nem à prática ativista, mas compreende a reflexão e a ação dos homens, nesse caso dos/as professoras em formação, como possibilidades libertadoras da realidade opressora.

Nesse contexto investigativo, juntamente com professores/as experientes na docência, emerge a seguinte inquietação: como pode se realizar uma formação continuada crítica que, ao tensionar as imposições sistêmicas, constitua-se como um espaço de resistência para a construção da autonomia docente? Diante dessa problemática, objetiva-se compreender as possibilidades da formação continuada crítica de tensionar e resistir aos modelos formativos

¹ Professora Doutora em Educação pela PUC/SP. Professora Adjunta do curso de Pedagogia UESPI/CCM. Membro do NEEPE/UESPI e do Grupo de Pesquisa Pedagogia Crítica-práticas e formação/Unisantos/SP. marygracy@ccm.uespi.br



impostos, fomentando a articulação entre teoria e prática para a consolidação da autonomia docente.

Esta pesquisa ancora-se em Freire, Franco, bell hooks, Imbernon, Nóvoa e Contreras para referenciar a formação continuada crítica como um movimento de resistência contra a alienação técnica e contra imposição formativa. Assim, a FCC precisa ser construída pelo coletivo docente no exercício de sua reflexão crítica, isso desconstrói práticas da formação como heteronomia do sistema no currículo formativo, as quais têm sido impostas de forma hierárquica no cenário educacional, desconsiderando o contexto cultural e as necessidades reais do professor e do processo de ensino e aprendizagem escolar.

Para Freire (2011b, p. 47), a relação opressora presente no cenário educacional produz sujeitos que “querem ser, mas temem ser”, pois “são eles e ao mesmo tempo são o outro introjetado neles a consciência opressora”. Tal condição manifesta-se no adestramento docente e na execução de projetos educativos homogêneos, impostos indistintamente aos/as professores/as e às escolas, cerceando a construção da autonomia pedagógica e a mobilização de outros saberes possíveis para a transformação consciente da prática docente. Em oposição a essa lógica, Freire (2011a, p. 142) ressalta a importância da “[...] vivência de experiências com rigor” como elemento fundamental para o desenvolvimento da autonomia e da disciplina intelectual dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Contreras (2022) entende a autonomia como sendo a capacidade crítica e consciente do professor de gerir sua prática, superando a mera execução técnica para assumir um compromisso ético e político construído no coletivo, envolvendo reflexão sobre o ensino e a resistência à proletarianização intelectual. Isso requer, no âmbito dos projetos de formação crítica, tensionamentos e resistências por parte dos docentes acerca da formação imposta nos espaços de atuação profissional, levando-os a compreender as diferentes necessidades e condições possíveis de realização da prática docente, partindo das condições subjetivas, institucionais e sociopolíticas.

Franco (2008) considera a pedagogia como ciência da educação, valorizando a articulação entre teoria e prática e compreendendo a prática pedagógica como *práxis* permeada por intencionalidades próprias de uma pedagogia crítica, realçando, assim, seu viés político. “[...] ela é crítica no sentido Freiriano: voltado à emancipação dos oprimidos; voltada à conscientização do lugar de cada sujeito; voltada à desocultação das ideologias presentes nas práticas; o reconhecendo os múltiplos saberes [...]” (Franco, 2025, p. 10).



A formação docente crítica e colaborativa potencializa o conhecimento da realidade dos professores, favorecendo a reflexão sobre ela com vistas à sua transformação, contribuindo, assim, para a constituição de sujeitos críticos, conscientes e emancipados. Franco (2025, p. 26-27) defende a educação e outras pedagogias que focalizam, problematizam e transformam conscientemente a sua cultura, estranhando e resistindo a culturas construídas por outros, de modo que os sujeitos reconheçam e tenham consciência do “[...] seu papel de produtor, interpretador de cultura e capaz de apreender e construir cultura”.

Para repensar a formação continuada imposta, acredita-se na formação continuada crítica docente como uma contraposição para esse modelo formativo contra-hegemônico, referenciado nos princípios e nas práticas da pedagogia freireana, em que a formação docente crítica “[...] precisa revestir-se de compromisso político pedagógico-ideológico e transformar-se em vivências, em diálogo com a realidade que impede a educação de se reorganizar em torno de prática revolucionária” (Franco, 2025, p. 17).

Nesse sentido, bell hooks (2017; 2020) traz a perspectiva da interseccionalidade e da pedagogia como prática da liberdade, fundamentais para a discussão das resistências em contextos de opressão nos processos formativos. Tal perspectiva assume o compromisso com a busca de um conhecimento vinculado a práticas pedagógicas progressistas, tendo o pensamento crítico como eixo central de uma educação concebida como prática de liberdade. Almeja-se, com isso, a efetivação das “[...] práticas pedagógicas que implicam diretamente a preocupação de questionar as parcialidades que reforçam os sistemas de dominação (o racismo e o sexismo) e, ao mesmo tempo, proporcionam novas maneiras de dar aula a grupos diversificados” (bell hooks, 2017 p. 19).

Desse modo, a formação continuada precisa ocupar um lugar central no debate sobre a profissão docente, sugerindo novas maneiras de pensar a problemática da formação de professores. Nóvoa (1992, p. 24) chama atenção para o fato de “[...] as tensões e os conflitos suscitados actualmente em torno da formação de professores prenderem-se não só à ocupação de um importante mercado de trabalho”, mas se voltarem sobretudo ao controle do campo social docente”.

Para Imbernón (2010, p. 67), trilhar pelos caminhos de uma formação continuada crítica transita por um processo de participação, análise crítica e conscientização que ultrapassa a mera análise teórica de uma situação-problema. Parte, sobretudo, de uma reinterpretação colaborativa da prática e da realidade docente, visando à sua transformação mediante “um conhecimento que



deve ser submetida à crítica em função de seu valor prático e do seu grau de conformidade com a realidade, analisando-se os pressupostos ideológicos em que se baseia”, isto é, as intencionalidades formativas inerentes à formação continuada.

Nesse cenário investigativo, concebe-se a proposta de formação continuada crítica como possibilidades de tensinamentos e de resistências mediante práticas coletivas de reflexão crítica acerca das práticas docentes, pelos e com os/as professores/as, visando atribuir sentido ao seu saber e fazer docente, bem como construir autonomia docente e fortalecer com autonomia processos formativos permanentes na constituição de uma identidade profissional.

Método, Discussão e Resultados

Esta pesquisa em andamento, de abordagem qualitativa e de natureza dialógica e crítico-reflexiva, alinha-se à perspectiva da investigação-formação no círculo de cultura (Freire), por meio de encontros dialógicos e reflexivos com docentes experientes, cujo delineamento metodológico busca produzir conhecimento para a promoção do engajamento dos participantes em um processo de conscientização sobre a própria prática.

Para a fundamentação teórica e o mapeamento da produção científica, será realizado um levantamento bibliográfico em bases de dados acadêmicas e científicas, objetivando estabelecer um diálogo com a literatura contemporânea e identificar lacunas entre o discurso oficial da formação continuada e a realidade vivenciada pelos docentes dos anos iniciais da rede pública.

Para a produção da pesquisa a ser realizada, os círculos de cultura (Freire) não buscam coletar dados, mas trata-se de um ato educativo e investigativo em si, baseando-se na horizontalidade e no diálogo como método de conhecimento, em que a formação humana é orientada tanto pelos preceitos da educação como pela prática da liberdade (Freire, 2025). Constitui-se, assim, como ponto de partida para uma formação crítica, visando à superação da dicotomia entre pesquisador e pesquisado, de modo que a pesquisa não se configure apenas como relato de denúncia das experiências formativas, mas como um movimento de transformação social e profissional.

Conclusão

A formação continuada crítica, que se anuncia como projeto formativo emancipatório e



de autonomia docente, pode ser considerada como alicerce ético-político, no qual a práxis e a consciência crítica constituem instrumentos importantes para a superação da dialética domesticadora e impositiva que permeia o cenário atual da formação de professores.

Assim, no campo da formação docente faz-se necessária a compreensão, por parte dos professores, de que a formação crítica pode constituir-se como um ato político, servindo para colaborar com a construção do/a professor/a pesquisador/a da e na formação e prática docente, atuando como protagonista e agente de sua própria história, e não como mero executor de pacotes formativos pré-fabricados que atendem aos interesses da elite capitalista neoliberal.

Consideramos desafiadora a tarefa de (re)pensar a realidade formativa no contexto capitalista neoliberal, que valoriza prioritariamente competências profissionais, tornando urgente sua ressignificação no campo da formação continuada crítica, em consonância com a compreensão da educação como um processo humano, cultural e político. Haja vista que diante dos embates impostos pelas políticas neoliberais, evidencia-se a urgência de processos formativos que compreendam a formação continuada crítica (FCC) como uma construção dialética e reflexiva voltada para uma prática docente emancipadora e transformadora.

Articular o círculo de cultura (Freire) e a práxis freireana, referenciada por Franco e bell hooks, permitirá identificar silenciamentos e insurgências presentes na linguagem, compreendendo o discurso docente sobre e na formação continuada como ato de resistência política, reconstrução da subjetividade profissional e construção da autonomia dos/as professores/as nos processos formativos.

Palavras-chave: Formação continuada crítica. Tensionamentos. Resistência. Autonomia docente.

Referências

CONTRERAS, José. **Autonomia de professores**. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. ed. Cortez, SP, 2002. 296 p.

FRANCO, Amélia S. P. O cientificismo na ciência pedagógica. In: **Pedagogias emancipatórias: desafios e possibilidades** (org.). FRANCO, Maria Amélia R. Santoro; SILVA, Lisley C. Gomes da. Santos-SP: Editora Universitária Leopoldianum, 2025. p. 15-28.



FRANCO, Amélia S. P. **Pedagogia como ciência da educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia como prática de liberdade**. 59.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2025

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 64. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. Tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020. 288 p.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

NÓVOA, Antonio. A formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, Antonio (coord.). **Os professores e sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 15-33.

